

O Cinema Ficcional Histórico nas Comemorações do Sesquicentenário da Independência.

LIDIANE MACEDO COSMELLI*

O Sesquicentenário da Independência

A fim de compreender as mudanças e o espírito festivo no ano do lançamento dos filmes estudados, este artigo as produções cinematográficas com temática histórica lançadas ano de 1972. O civismo, a valorização do elemento nacional e seus símbolos, o amor e o respeito à pátria, assim como a importância da moralidade são valores ressaltados na ditadura civil-militar. Esses elementos ajudam a construir também a ideia de “Brasil um país grande” e “país do futuro”, sinalizando as transformações sociais e um desejo de país que fosse símbolo da modernidade. Fico (1997) enumera as campanhas políticas do regime militar no governo Médici; há campanhas como: *Ninguém Segura o Brasil, É tempo de construir, Ontem, Hoje, Sempre: Brasil, Você Constrói o Brasil, Sesquicentenário da Independência*, entre outras.

O Sesquicentenário foi a maior festa cívica realizada na ditadura civil-militar brasileira. Em 21 de abril, dia de Tiradentes, começam oficialmente os festejos. Almeida (2009) chama a nossa atenção para os motivos que levaram à escolha do “Dia de Tiradentes”, e não do “Dia do Fico” (9 de janeiro), para o início dos festejos. Segundo ele, a escolha se explica porque Tiradentes integra o Panteão Cívico, na qualidade de Patrono da Independência. Almeida apresenta também a possibilidade da escolha da data ter se dado em função da associação do “Dia do Fico”, com a participação de outros atores sociais, que não os militares, já que em 1822 foi entregue a D. Pedro I um manifesto, com a assinatura de milhares de pessoas que pediam a sua permanência.

O traslado dos restos mortais de D Pedro I assinala o início das comemorações de independência. A vinda dos despojos do imperador demonstra a proximidade entre Brasil e Portugal; vale ressaltar também que ambos os países viviam sob um regime

* Mestre em Memória Social pelo PPGMS (UNIRIO)

autoritário, tendo como chefes de governos representantes da alta cúpula militar. Os restos mortais peregrinariam por todo o território nacional durante o período de comemorações, como se o próprio imperador fizesse uma última visita a cada lugar do país, unindo-o.

Dois importantes acontecimentos do Sesquicentenário foram os Encontros Cívicos Nacionais e a Taça da Independência. Uma maneira empregada pelos festejos oficiais para comemorar o Sesquicentenário era a inauguração de grandes obras, como a inauguração de prédios públicos. Um exemplo é a inauguração de Trecho da rodovia Transamazônica¹ e a cidade Universitária do Fundão do Rio de Janeiro². Há também o lançamento de selos comemorativos pela Empresa de Correio de Telégrafos³.

Vale destacar que a modalidade comemorativa do Sesquicentenário não foi adotada apenas pelo Estado. As comemorações (que a princípio foram elaboradas como campanha política governamental) foram sendo incorporadas ao discurso de diversos setores da sociedade. Algumas empresas incorporam o discurso oficial em suas propagandas, como a empresa Varig, o grupo Pão de Açúcar, a Mercedes Benz.

O ponto alto das comemorações dos 150 anos da Independência do Brasil foi a Semana da Pátria. Nesta semana diversas atividades cívicas fizeram parte da celebração. Os festejos comemorativos oficiais foram iniciados à zero hora do dia primeiro de setembro, na cidade de São Paulo. Atletas conduziram chamas vindas de todo o território nacional, e com elas, eles percorreram rotas iniciadas no Chuí, no Oiapoque, em cabo Branco e em Javari⁴.

Com a chegada do fogo simbólico, trazido dos quatro pontos cardeais do País, foram iniciadas ao primeiro minuto de hoje, oficialmente, as festividades do Sesquicentenário da Independência, em São Paulo. As festividades prosseguirão em todo o País, com sessões solenes ao Congresso Nacional, Assembleias Legislativas e Câmaras Municipais, além de outros atos cívicos programados. Às 17h30min de Brasília haverá a transmissão direta, por cadeia de rádio e televisão, da solenidade de Inauguração do mastro de 100 metros, que ostentará a maior bandeira nacional, já fabricada no Brasil, e que poderá ser vista de qualquer ponto da capital (Jornal Diário de Notícias 01-set 1972).

¹ Jornal Diário de Notícias 01-set-1972.

² Jornal do Brasil 05-set-1972.

³ Folha de São Paulo 01-set-1972.

⁴ Jornal O Globo – São Paulo 01-set-1972.

A maior parada cívico-militar ocorreu na cidade de São Paulo, local em que ocorreu a Proclamação da Independência, em 1822, e contou com a participação de milhares de pessoas. Os despojos mortais do imperador D Pedro I foram transportados da antiga sede do governo até o monumento do Ipiranga, onde foram postos ao lado da Imperatriz Leopoldina.

A comemoração dos 150 anos de Independência do Brasil foi uma festa grandiosa, como dito anteriormente, capaz de mobilizar diferentes setores da sociedade, durante vários meses, até a sua culminância, no dia 7 de setembro. Com enfoque cívico-nacionalista, os eventos mobilizaram a sociedade em diversas instâncias – seja na escola, no bairro, no futebol, ou em empresas. Sendo assim, percebemos que a comemoração não se restringiu ao oficial, habitando o cotidiano do cidadão comum.

Apesar da grandiosidade e do destaque que teve a festa do sesquicentenário da Independência do Brasil, há em torno dela um esquecimento, ela não está presente em livros didáticos ou filmes sobre o período, diferentemente do que ocorre com as Marchas da Família com Deus pela Liberdade, que são lembradas. Compartilho com Janaína Cordeiro (2012) a respeito do silêncio que envolve as comemorações;

[...] criou-se com o tempo uma certa dificuldade em reconhecer o sucesso da festa e, nesse sentido, as comemorações do Sesquicentenário são um importante espelho para percebermos como a sociedade lida ainda hoje com a memória sobre os anos de ouro da ditadura civil-militar. Na verdade, aquele ano festivo foi colocado, literalmente, no rodapé da história. São raras as referências às comemorações do Sesquicentenário da Independência e, as que existem, em geral confirmam apenas o discurso da memória dominante sobre aquele período, fortemente ancorado no mito da sociedade resistente (CORDEIRO, 2012, p 307).

Atualmente, em uma sociedade que constrói aos poucos a sua democracia, cabe-nos reconhecer que causa desconforto lembrar o momento de participação popular junto aos festejos militares, no qual a sociedade foi capaz de conviver em harmonia com a ditadura, nesse caso, a opção tem sido o silenciamento.

Análise das categorias “elemento popular” e “Herói” nos filmes *Independência ou Morte* e *Os Inconfidentes*

Como pode ser notado, o ano de 1972 é marcado fortemente pelas comemorações do Sesquicentenário da Independência do Brasil. Veremos agora a análise fílmica presente em dois filmes ficcionais históricos produzidos neste ano.

O filme *Independência ou Morte* (1972) apresenta em sua narrativa um período marcado pelo processo que levou à independência do Brasil. Com destaque para a vida do monarca D. Pedro I, o filme aborda desde a sua vinda, com a família real (1808), até o seu retorno para Portugal (1831). O filme apresenta esse período da História do Brasil entrelaçado à vida pessoal de D Pedro I. Em seu desenrolar, o filme funde questões políticas e pessoais, como a decisão de permanência no Brasil (Dia do Fico), a sua participação na maçonaria, o envolvimento amoroso com a Marquesa de Santos, a relação com José Bonifácio e a Proclamação da Independência. A todo o momento a narrativa fílmica é alinhavada, apresentando de que maneira as questões particulares se refletem na política e como a política interfere na vida privada do monarca. *Independência ou Morte* é uma verdadeira *superprodução*, com alto orçamento⁵, o filme utiliza muitos figurantes, sofisticados figurinos, atores de sucesso e populares.

O filme é composto por sessenta sequências. Em alguns momentos da narrativa são apresentadas legendas, a fim de situar historicamente o espectador. Logo em seu início surge a seguinte legenda. “No início do século XIX toda a Europa estava conturbada pela explosão do gênio guerreiro de NAPOLEÃO BONAPARTE. D. João VI, príncipe regente de Portugal, aliou-se à Inglaterra, o que provocou a invasão de sua pátria pelas tropas de NAPOLEÃO; A retirada forçada da corte portuguesa para o Brasil, em 1807, assumiu pela decisão de última hora, a dramaticidade de uma fuga”.

Ao fundo da legenda aparecem cenas de batalha e uma imagem de Napoleão, o som é composto por tiros de canhão. A demarcação temporal segue no decorrer do filme, mesmo com legendas que sinalizam apenas a data. Entendo que a utilização das

⁵A revista *Manchete* publica uma matéria intitulada “Independência ou Morte – o filme mais caro do Brasil”. Conferir: CORDEIRO, Janaina Martins. Lembrar o passado, festejar o presente: as comemorações do Sesquicentenário da Independência entre consenso e consentimento (1972). Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2012.

legendas acontece porque toda compreensão da narrativa de *Independência ou Morte* é explicada para o espectador, dentro do próprio filme, ou seja, os acontecimentos históricos são explicados no filme. Assim, podemos apontar para o fato de que se trata de uma narrativa cinematográfica clássica. A legenda é uma evidência da maneira didática de narrar os acontecimentos.

Elegi para análise deste artigo a sequência 14 do filme, por mim denominada como “D Pedro I e os populares”. Em todo o filme, identifiquei a sequência 14 como a que mais se dedica à representação popular. De todo o modo, há também outras sequências que exploram esta questão. A sequência 14 é bastante significativa quando formulamos a seguinte pergunta: *Como o povo é apresentado no filme?* Para compreender melhor em que momento do filme se situa esta sequência, faço agora uma breve referência à anterior, a que antecede à escolhida, levando-se em conta que a mesma trata da nomeação de D Pedro como Príncipe Regente e do retorno de D João a Portugal. A sequência 14 é apresentada aos 25 minutos do filme e tem duração de dois minutos; ela não é uma sequência chave para o entendimento da narrativa fílmica, ou seja, sua ausência não traria perdas significativas para o entendimento da narrativa fílmica, também não consta nela um fato histórico importante. De qualquer forma, a escolhi para a análise justamente pelo que há nela de trivial e, principalmente, por representar o cotidiano e a vida urbana das ruas no Rio de Janeiro, em início do século XIX.

A sequência se inicia em plano americano, com D Pedro I lendo, provavelmente, o documento de nomeação de Príncipe Regente, pois a assinatura deste documento foi apresentada na sequência anterior. Em plano geral, D Pedro I caminha entre as pessoas, que estão próximas ao Paço Imperial, cumprimentando-as e sendo reverenciado por elas, a câmera acompanha o monarca em seu trajeto.



Figuras 1 e 2 - D Pedro caminha próximo ao Paço Imperial. Fonte: Fotogramas do filme *Independência ou Morte*



Figuras 3 e 4 - D Pedro caminha próximo ao Paço Imperial. Fonte: Fotogramas do filme *Independência ou Morte*

Os fotogramas anteriores apresentam o movimento das ruas descrito na sequência. O cotidiano não é alterado com a passagem de D Pedro, as pessoas continuam realizando seus afazeres. Todos o cumprimentam – com a reverência e o respeito que merece o príncipe regente – mas, também o saudam como alguém próximo, um conhecido. Ainda em plano geral, a câmera se descola e filma o cotidiano dessas pessoas; imagens repletas de cores, dando beleza ao ambiente citadino; as tarefas usuais, como a venda de quitutes, são mescladas à alegria da dança dos negros, como se o trabalho e a dança se misturassem neste universo. As imagens desta sequência – com suas cores ressaltadas, destacando os trajes dos personagens cotidianos – se assemelham às pinturas do pintor e desenhista francês Debret.⁶ Este pintor fez parte da Missão

⁶ No acervo fotográfico do filme *Independência ou Morte* que consta no Banco de Conteúdos Culturais da Cinemateca há imagens de estudos de Debret. Como podemos observar nos anexos de nº 27 a 29. Inferimos que a produção inspirou-se no artista para compor a ambientação do filme.

Artística Francesa⁷, que chegou ao Brasil em 1816. Suas obras, no Brasil, retratam paisagens, o cotidiano, com enfoque especial para as relações culturais.



Figuras 5 - A mulher na cadeirinha

Figura 6 - A dança dos negros

Fonte: Fotogramas do filme *Independência ou Morte*

Em plano americano, o monarca cumprimenta a Viscondessa de Rio Seco. A imagem abre em um plano geral, no qual o espectador pode visualizar uma carruagem parando, um homem caminha em direção ao monarca. Este homem cumprimenta D Pedro I, a câmera realiza um *zoom*, deixando a imagem agora em plano americano. O homem expressa a sua felicidade por D. João já ter chegado à Portugal. D Pedro I questiona-o, querendo saber de que maneira ele obteve esta informação. O homem argumenta que soube na embaixada da Inglaterra. Ao que D Pedro I prontamente responde: “*o embaixador inglês é sempre muito bem informado*”. O homem convida D Pedro I para ser conduzido em sua carruagem, mas o monarca nega, pois pretende continuar a pé. D Pedro I caminha em direção à câmera e sai de cena, ficando em plano geral a imagem do cotidiano. A sequência seguinte mostra a irritação de D. Pedro I, argumentando ser sempre o último a obter notícias de Portugal.

⁷ Em 1816, durante a estada da família real portuguesa no Brasil, um grupo de artistas franceses chega ao Rio de Janeiro com o objetivo de ensinar artes plásticas. Schwarcz aponta que “ao invés de uma corte imigrada, temerosa e bastante isolada, surgiram imagens glorificadoras desse império nos trópicos; exótico por certo, particular nas suas cores, gentes e costumes, mas universal na monarquia que o liderava” (SCHWARCZ, 2011, p.235). Faziam parte desse grupo: os pintores Jean Baptiste Debret e Nicolas-Antonie Taunay, compunha também o grupo, o arquiteto Montigny.



Figuras 7 e 8 - Notícias de Portugal. Fonte: Fotograma do filme *Independência ou Morte*

Durante toda a sequência 14 um som é tocado ao fundo, uma mistura de batuque com outras vozes, oferecendo um sentido de movimento das ruas, de vida. A sequência 14 ilustra exemplarmente o papel que a população terá em todo o filme *Independência ou Morte*. O povo está presente e é apresentado feliz, dançando, com cores alegres, porém, também é retratado como um povo “passivo”, ou seja, sem voz. A população segue com seus afazeres enquanto os governantes tomam as suas decisões.

O povo não é ativo no filme, ele é tratado como um cenário, ajudando a compor a cena. Compreende-se que D Pedro I não caminharia em ruas desertas, daí é necessário que haja um movimento nas ruas. O filme ficcional constrói em sua narrativa a ideia de verossimilhança, a ficção pretende que o espectador acredite que o passado foi, de fato, daquela maneira. De acordo com Christian Metz “A obra verossímil quer ser tida como diretamente traduzível em termos de realidade. É aqui que o verossímil encontra seu pleno funcionamento: trata-se **de se fingir verdadeiro**” (grifo do autor METZ, 2007, p.239). Sendo assim, os elementos encenados devem corresponder a uma lógica narrativa, desse modo, a representação de pessoas nas ruas, trajadas com roupas de época, por exemplo, é algo que se faz necessário.

Contudo, percebemos que as pessoas que estão não ruas não possuem voz, elas apenas compõem a estrutura cênica. As únicas duas pessoas a quem D. Pedro I se dirige na sequência pertencem à elite: a Viscondessa do Rio Seco e um homem não identificado, mas que através de algumas características podemos notar que se trata de

um homem de posses, pertencente à elite, principalmente em função dos trajes e da carruagem que o conduz. Percebemos que o papel da população é o de figuração.

Vale destacar que Carlos Coimbra dedica uma sequência inteira do filme para apresentar a figura do popular. Ainda que nesta sequência o elemento popular não possua voz, como em outras sequências do filme, sua voz é silenciada. Entretanto, sua imagem está presente na narrativa fílmica, ou seja, *Independência ou Morte* apresenta imageticamente o elemento popular em sua narrativa, embora apenas como uma maneira de construir a ideia de verossimilhança fílmica.

O filme *Os Inconfidentes* (1972), como o nome sugere, aborda o processo da Inconfidência Mineira (1789), em especial o papel exercido pelos poetas-inconfidentes nesta conspiração. O roteiro do filme foi idealizado por Joaquim Pedro de Andrade e Eduardo Escorel, baseado nas poesias de Tomás Antônio Gonzaga, Cláudio Manoel da Costa e Alvarenga Peixoto, no livro *O romanceiro da Inconfidência*, de Cecília Meireles, e nos *Autos da Devassa*.

A narrativa fílmica de *Os Inconfidentes* é centrada nas falas dos conjurados. O desenrolar do filme se divide basicamente em dois momentos: a conspiração e a prisão. O filme é escuro e a maioria das sequências acontece em ambientes internos, como nos casos em que procura mostrar a intimidade dos personagens e a cadeia. Há um tom alegórico no filme, que podemos perceber em sequências relacionadas à concretização de sonhos dos inconfidentes ou na declamação de poemas na conjuntura do cárcere, por exemplo. *Os Inconfidentes* é um filme desconfortante para o telespectador. O desconforto e possível estranhamento presentes em *Os Inconfidentes* transitam por toda a película. Logo na primeira cena, o espectador pode perceber o tom que permeará o filme; com a representação de uma carne apodrecendo com moscas sobrevoando-a.

Analisarei a sequência da categoria do elemento popular no filme *Os Inconfidentes*. Veremos agora uma parte da sequência 34, que considero expressiva para compreender a ideia da categoria do elemento popular como *discursivizado*. Esta cena ocorre em torno de 54'22'' do filme. Trata-se de uma reunião dos inconfidentes, na qual se discute alguns pontos sobre como será o levante.

Tiradentes: *O Doutor Maciel estudou uma porção de coisas na Europa, com ele nós vamos construir as fábricas da nova república.*

Alvares Maciel: *Matéria-prima é o que não falta, estou chegando de uma viagem que fiz pelo sertão, justamente para avaliar os recursos da terra, e descobri além de insetos e vegetais dos mais diversos, que de Sabará à Vila Rica é tudo ferro e cobre.*

Tiradentes: *Podíamos fazer o Ferro das armas, fabricar pólvora.*

Alvares Maciel: *Fundir o ferro seria perfeitamente possível, se não fosse necessário ter uma licença de Lisboa. Quanto à pólvora, só o salitre aqui custa tanto quanto a pólvora importada.*

Alvarenga: *Meu caro Doutor Maciel, nós estamos reunidos aqui justamente para não depender mais de licenças de Lisboa e de importações da Europa.*

Padre Toledo: *Livres e com suas Luzes, Doutor Maciel, nós vamos ter as nossas fábricas, e aí todo Português patife poderá usar os galões e cetins que quiser. Os nacionais usarão roupas feitas aqui mesmo, com o honesto pano nacional.*

Tiradentes: *Por ser escravo de Portugal, o Brasil apesar de suas riquezas é um país miserável.*

Alvarenga: *De tudo que pode precisar um país, só nos falta uma coisa: liberdade.*

Alvares Maciel: ***O problema é a apatia, a preguiça tropical. Na Europa era o que mais se comentava: a moleza e indolência do Brasil, que não se mexe por mais que o oprimam.***

Tiradentes: *Os cariocas já estão com seus olhos abertos e os mineiros pouco a pouco vão abrindo os seus, os governadores e seus criados que vem para cá nos comer a honra e as terras, não terão muito mais tempo para rir de nós.*

Padre Toledo: *Quando for lançada a derrama, o povo se levantará espontaneamente, porque ele não vai ter como pagar os impostos.*

Alvares Maciel: ***Isso me parece totalmente impossível, além de materialmente inviável, porque o povo ainda que o açoitassem aceitaria qualquer governo sem reagir. E ainda porque sendo o número de escravos negros, muito maior do que o de brancos, se nós nos rebelamos os negros também se revoltam, e aí será pior ainda.***

Alvarenga: *Esse problema se resolve facilmente. Dando liberdade aos escravos, eles ficam do nosso lado.*

Alvares Maciel: *Se libertarmos os escravos, quem vai trabalhar nas terras? Tirar o ouro das minas? Não! A meu ver, a única forma de se fazer o levante seria matar todos os Europeus.*

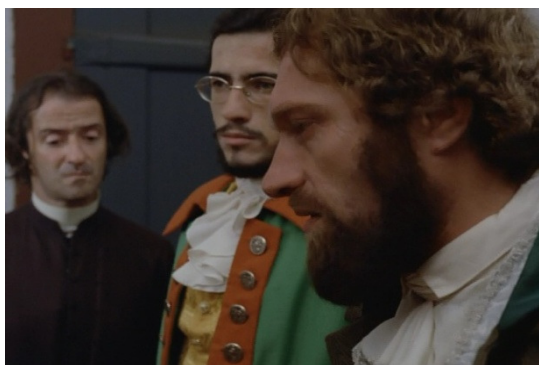
Padre Toledo: *Esse é o meu voto.*

Alvares Maciel: *O que não seria viável porque muitos brasileiros têm pais e parentes europeus. E não é possível que concordassem matá-los a sangue frio.*

Alvarenga cochicha com Tiradentes: *Me parece que matar todos os portugueses seria uma desumanidade, não?*

Tiradentes responde à Alvarenga: *Basta matar alguns, não?*

A sequência continua, com outras conspirações e discursos entre os conjurados.



Figuras 9 e 10 - Encontro dos Inconfidentes

Fonte: Fotogramas do filme *Os Inconfidentes*

Esta é uma sequência em que vários elementos podem ser extraídos para análise, como a crítica que o diretor Joaquim Pedro faz ao tempo presente através de algumas falas dos inconfidentes. Entretanto, vamos nos deter neste momento à categoria já proposta: a do *elemento popular*. Esta sequência, como quase todo o filme, se passa em um ambiente de interior, é uma reunião dos inconfidentes. Em toda a sequência, o elemento popular não é representado imagetivamente, como ocorreu nos fragmentos analisados anteriormente, onde a imagem do elemento popular estava presente. Em todo caso, é bastante significativo notar que – apesar de não haver representação em forma de imagem – esta é a sequência em que o elemento popular é mais abordado, como é possível notar pelas falas dos inconfidentes.

A marca do filme *Os Inconfidentes* no que tange à categoria do elemento popular é a sua presença no discurso oral dos personagens. Esta categoria, pouquíssimo aparece

imageticamente, como ocorre, por exemplo, no filme *Independência ou Morte* no qual mesmo como uma construção cenográfica há a preocupação com a sua presença. Em *Os Inconfidentes* a preocupação é outra, o filme, como o próprio título sugere, trata dos inconfidentes da conjuração mineira, dessa forma, eles não apenas são os protagonistas da história, como também a imagem e a palavra se concentram neles. Segundo Ivana Bentes *Os Inconfidentes* é “filme da palavra e da encenação, teatro brechitiano” (BENTES, 1996, p. 108). Em diversos segmentos do filme os personagens são filmados de perto, bem próximos da câmera, não raro aparecem em *closet*, destacando assim seus rostos e suas mais detalhadas expressões faciais. No filme *Os Inconfidentes* o elemento popular aparenta ser silenciado imageticamente; contudo, ele não é totalmente silenciado, pois ganha realce em outra forma discursiva, no discurso oral, já que está presente nas falas dos inconfidentes.

As comemorações do Sesquicentenário reuniram as figuras de D. Pedro e Tiradentes, com o protagonismo do Imperador, já que D. Pedro I era o grande herói a ser festejado no aniversário dos 150 anos. Merece ser destacado que a escolha do imperador como herói da independência não é algo tão natural como pode parecer. Nas comemorações do centenário da independência, em 1922, por exemplo, ele não foi o personagem central, a jovem república moldou assim a sua comemoração de acordo com as novas diretrizes, dessa forma;

Enquanto D. Pedro I foi execrado como um estroina, irresponsável, oportunista, José Bonifácio foi devidamente resgatado e guindado a posição preponderante. Cientista, brasileiro, favorável ao fim da escravidão, amante da ordem, o denominado “Patriarca da Independência” representaria a síntese das correntes que construíram a Nação brasileira (MOTTA, 1992, p.16).

Diferentemente do ocorrido nas comemorações do centenário, D. Pedro I foi o personagem principal da festa em 1972. Esta é uma escolha do período político vigente no país naquele momento. A ditadura civil-militar destaca assim, as características de um monarca forte, audacioso, capaz de manter a ordem, aquele que consegue a união nacional do Brasil.

No filme *Independência ou Morte* o ator que vive o monarca D. Pedro I é o galã Tarcísio Meira e seu personagem é a figura central da trama. Em todo caso, devemos considerar o destaque que é conferido à figura de José Bonifácio, ele é apresentado

como mentor de D. Pedro I. E, ao lado de Leopoldina, ele representa um papel decisivo no desfecho da Independência do Brasil. O filme termina com a educação do jovem D. Pedro II sendo confiada a ele.

A imagem de D. Pedro I no filme *Independência ou Morte* é construída como uma figura humana, porém, contraditória. Homem bonito, sedutor, boêmio, apaixonado pelo Brasil, mas também autoritário e infiel. Não se trata do modelo clássico de herói, capaz de dar a vida por uma causa. Trata-se de um personagem que possui imperfeições em sua conduta. Por tudo isso, podemos classificá-lo como um *herói humano*. Carlos Coimbra fala da intencionalidade de desenvolver um D. Pedro mais humano, que se dá principalmente pela referência ao livro *As maluquices do imperador*⁸, de Paulo Setubal.

Acho que conseguimos desenvolver um D. Pedro imaturo, inconsequente, sem nenhum sentido de responsabilidade monárquica e as pessoas nem percebem que ele é mais um bom vivant do que herói (MERTEN, 2004, p.226).

O diretor Carlos Coimbra discute ainda sobre D. Pedro I não ser o herói clássico;

O D. Pedro de Independência ou Morte não é um herói épico. É popularesco, não tem nenhuma classe e, na maior parte do tempo, está mais interessado em sexo do que política (MERTEN, 2004, p.228).

De acordo com Coimbra a grande heroína do filme é a Imperatriz Leopoldina, interpretada por Kate Hansen, pois ela “é a digna, a patriota, mais afinada com os visionários que sonham com a separação do Brasil de Portugal do que da irresponsabilidade do marido” (MERTEN, 2004, p. 229). Apesar de a trama estar centrada, em grande parte, no casal Domitila de Castro, a marquesa de Santos e D. Pedro I, a figura da imperatriz, juntamente com a de José Bonifácio, é decisiva no processo de independência.

A figura política de D. Pedro I é bastante humanizada no filme, a alternância entre o público e privado permite a construção de um imperador forte, de pulso firme e, ao mesmo tempo, mulherengo e boêmio. Contudo, devido à presença de características

⁸ O livro “*As Maluquices do imperador: contos históricos*” não é um livro histórico, é uma obra de contos baseados em fatos históricos. Um livro narrativo que tem seu início na vinda da corte ao Brasil, ele conta a História de modo debochado, com falas e pensamentos dos personagens, com um olhar voltado para a vida íntima de D. Pedro. Vale destacar, que a apresentação do livro destaca o fato de que foi um livro bastante lido na época de seu lançamento.

distintas na personalidade do monarca, fica a pergunta: qual impressão sobre D. Pedro I o espectador teria ao sair do cinema? Que memórias sobre o processo de independência se constituiriam após assistir a película? O filme apresenta um D. Pedro humano, com características capazes de gerar identificação em quem assiste, não apenas um herói distante como um Deus, mas, sobretudo, um herói possível, com direito inclusive a desvios em sua personalidade.

Entendemos que a construção da memória ocorra em função do presente, podemos observar que a construção da memória sobre o herói, D. Pedro I, no filme *Independência ou Morte*, está em consonância com o proposto na época de sua produção, logo, o Sesquicentenário de 1972. Ainda que a produção e direção do filme neguem envolvimento direto com o regime, o importante a ser destacado não reside na discussão se houve favorecimento ou financiamento em prol do filme; mas, sobretudo, que independentemente de vinculação ou ajuda Estatal, *Independência ou Morte* possui afinidade ideológica com o que é proposto pelo Estado naquela conjuntura.

O filme *Os Inconfidentes* trata dos “heróis” fracos, covardes, que entregam uns aos outros, no momento da prisão, com exceção de Tiradentes, que se mantém fiel aos seus princípios, assume a culpa da conspiração. “Idealistas, fracos ou pusilânimes, os intelectuais são mostrados em toda sua impotência e fragilidade. No filme a única figura intocada é o Tiradentes de José Wilker” (BENTES, 1996, p.110).

Tiradentes no filme é também o grande organizador, o agitador, aquele que fala sem medidas a qualquer transeunte. O *herói mártir* é aquele que sofre pela pátria, que paga com a vida por ideais de justiça e liberdade. As falas de Tiradentes no filme indicam esta colocação: “*Eu vou fazer esse povo feliz! Silvério! Eu também hei de ser muito feliz*”, ele é mártir quando assume a culpa; “*Eu fui a primeira pessoa a falar em levante, os outros seguiram e aprovaram, sem nenhum se fazer cabeça*”, é o herói que deseja a liberdade em primeiro lugar; “*Foi então que me ocorreu a liberdade que este país poderia ter, e comecei a desejá-la, para depois cuidar de como poderia chegar até ela*”.

A sequência sobre a morte de Tiradentes é encenada como um grande espetáculo. Em plano geral, a sequência é iniciada como um quadro, Tiradentes é apresentado com uma túnica branca, após algumas falas de enviados da coroa. Carrasco

começa a colocar a corda no pescoço de Tiradentes, neste momento iniciam-se os primeiros acordes da música “*Aquarela do Brasil*”, quando retomamos as sequências iniciais do filme, do exílio de Gonzaga com sua família e de Alvarenga encontrado morto na prisão. A câmera em *plongée* mostra o seu enforcamento. Entretanto, a plateia não é formada por pessoas do século XVIII, o que se vê é uma plateia composta por jovens de 1971, que aplaudem a sua execução. A leitura que faço desta última sequência é a de que estes jovens não aplaudem a execução de um alferes qualquer, que conspira contra a coroa portuguesa, neste momento quem recebe os aplausos é Tiradentes, o *herói nacional*.



Figuras 11 e 12 - Enforcamento e execução de Tiradentes. Fonte fotogramas do filme *Os Inconfidentes*

Apesar de *Os Inconfidentes* simbolizar oposição ao filme *Independência ou Morte*, pois se trata de um filme crítico, principalmente no que tange ao diálogo com o tempo presente, em especial com a figura do intelectual; a imagem do herói *Tiradentes*, apresentada no filme de Joaquim Pedro de Andrade, condiz com a proposta dos festejos comemorativos do Sesquicentenário para o herói nacional, ou seja, privilegia a imagem do *herói mártir*.

Através das categorias elencadas neste artigo foi possível observar que não apenas as diferenças marcam a relação entre ambos os filmes estudados. Há uma interligação entre as categorias analisadas, espaço onde o filme “oficial” e o “revolucionário” se encontram na construção da memória nacional.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Adjovanes Thadeu Silva de. **O regime militar em festa: o Sesquicentenário da independência do Brasil (1972)**. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2009.

BENTES, IVANA. **Joaquim Pedro de Andrade: A revolução intimista**. Rio de Janeiro: Relume: Dumará: Prefeitura, 1996.

CORDEIRO, Janaina Martins. **Lembrar o passado, festejar o presente: as comemorações do Sesquicentenário da Independência entre consenso e consentimento (1972)**. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2012.

CARLOS, Fico. **Reinventando o otimismo: ditadura, propaganda e Imaginário social no Brasil**. Rio de Janeiro. Editora Fundação Getúlio Vargas, 1997.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Campinas, SP: Papyrus, 2002.

LAGNY, Michele. Escrita Fílmica e Leitura da história. In: **Cadernos de Antropologia e Imagem**. Nº 10. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2000.

MERTEN, Luis Carlos. **Carlos Coimbra: um homem raro**. São Paulo, Imprensa Oficial, 2004.

METZ, Christian. **A significação no cinema**. Trad: Jean- Claude Bernadet. São Paulo, Perspectiva, 2007.

MOTTA, Marly Silva da. **A nação faz 100 anos: a questão nacional do centenário da independência**. Rio de Janeiro: Editora FGV: CPDOC, 1992.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

POLLACK, Michael. **Memória, esquecimento e silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

RAMOS, Fernão. Os novos rumos do Cinema Brasileiro (1955-1970). In: Ramos Fernão (org). **História do Cinema Brasileiro**. São Paulo, Art Editora, 1987.

RODRIGUES, Chris. **O cinema e a produção**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007.

SILVA, Helenice Rodrigues da. **“Rememoração”/comemoração: as utilizações sociais da memória** *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 22, nº 44, pp. 425-438 2002.

VANOTE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne, **Ensaio sobre a análise fílmica**. Campinas, SP: Papyrus, 1994